

O KAMBÔ: CONFLITOS ENTRE O SABER E A RAZÃO A PARTIR DE UMA BIONAS

KAMBÔ: CONFLICTOS ENTRE SABER Y RAZÓN DESDE UNA BIONAS

Karen Bruna Anjos da Silva

Universidade Federal do Amazonas (UFAM)
angelskaren2@gmail.com

Arlen Almeida de Souza

Universidade Federal do Amazonas (UFAM)
arlenimonteiro@gmail.com

Ana Carolina Resende de Sá

Universidade Federal do Amazonas (UFAM)
anacarolinarezendesa@gmail.com

Adriana Araujo Pompeu Piza Santos

Universidade Federal do Amazonas (UFAM)
adriana.santos@ufam.edu.br

RESUMO

As BIONAS (Bionarrativas Sociais), surgem como um recurso que integra os saberes tradicionais, crenças, costumes e as vivências individuais do aluno com os conteúdos didáticos. Esse recurso visa enriquecer o processo de ensinoaprendizagem, promovendo maior conexão entre os alunos e os conteúdos curriculares. A Bionas, O Kambô, aborda a narrativa da graduanda Muiraquitã, que parte da comunidade ribeirinha de Novo Airão/AM, para estudar na UFAM, situada em Manaus/AM e vivência conflitos entre o saber científico e o senso comum. Neste artigo, exploramos o potencial das Bionas como uma abordagem pedagógica inclusiva no contexto do ensino de Ciências Naturais.

Palavras-chave: Bionarrativas Sociais; BIONAS; Ensino de Ciências Naturais; Conhecimento Tradicional; Senso Comum; Conhecimento Científico; Vivências Pessoais.

Eixo temático: 2. Estratégias, materiais e recursos didáticos para o Ensino de Ciências e Biologia.

Modalidade: materiais didáticos

RESUMEN

BIONAS (Bionarrativas Sociales) surgen como un recurso que integra conocimientos tradicionales, creencias, costumbres y experiencias individuales del estudiante con los contenidos didáticos. Este recurso pretende enriquecer el proceso de enseñanzaaprendizaje, promoviendo una mayor conexión entre los estudiantes y los contenidos curriculares. La Bionas, O Kambô, es una narración de la estudiante de graduación Muiraquitã, que deja la comunidad ribereña de Novo Airão/AM, para estudiar en la UFAM, ubicada en Manaus/AM, y experimenta conflictos entre el conocimiento científico y el sentido común. En este artículo

exploramos el potencial de las Bionas como enfoque pedagógico inclusivo en el contexto de la enseñanza de las Ciencias Naturales.

Palabras clave: Bionarrativas Sociales; BIONAS; Enseñanza de Ciencias Naturales; Conocimiento Tradicional; Sentido común; El conocimiento científico; Experiencias personales.

Eje temático: 2. Estrategias, materiales y recursos didácticos para la Enseñanza de las Ciencias y la Biología.

Modalidad: materiales didácticos.

INTRODUÇÃO

Os Recursos Educacionais Abertos/REA incluem um conjunto variado de recursos, que podem ser: escritos, orais, visuais, gestuais, sonoros, entre outros, possibilitando que as histórias locais elaboradas por meio de narrativas digitais conectem a arte e ciência com as singularidades vivenciadas por cada sujeito durante a realização dos encontros na Caravana da Diversidade. Esse gênero de escrita é denominado Bionarrativa Social (BIONAS).

É, portanto, uma bionarrativa social por ser motivada pela relação dos sujeitos e suas territorialidades, silenciamentos, memórias, identidades as quais se fazem em diferentes biodiversidades locais (KATO, 2020).

O coletivo da Caravana da Diversidade tem como idealizadores Alice Pagan (UFMT), Danilo Kato (USP), Fábio Silva (UFOP), Mariana do Valle (UFMA), Marilisa Hoffman (UFRGS) e Welton Oda (UFAM). Surgiu a partir do projeto de pesquisa financiado pela Universal MCTI/CNPq 2016 (Edital nº 01/2016) – faixa A. incluiu a elaboração conjunta de “Oficinas Pedagógicas Interculturais” (OPI) desenvolvidas durante o evento itinerante denominado “Caravana da Diversidade”. O objetivo do projeto é reunir pesquisadores(as) envolvidos no projeto de pesquisa, bem como outros professores interessados em um itinerário por diferentes Instituições de Ensino Superior (IES), em diversas regiões do Brasil. Além da realização das OPI com estudantes das licenciaturas e professores/as da educação básica, foi possível conhecer mais sobre a estrutura e os modelos formativos de cada instituição visitada, bem como os saberes locais sobre a sua biodiversidade. É através da valorização das crenças, costumes e experiências individuais, que as bionarrativas sociais oferecem uma oportunidade única de enriquecer o processo de ensinoaprendizagem, promovendo uma maior conexão entre os alunos e os conteúdos curriculares. Neste artigo, exploramos o potencial das bionarrativas sociais como uma abordagem pedagógica inclusiva no contexto do ensino de Ciências Naturais.

BIONARRATIVAS SOCIAIS E O ENSINO DE CIÊNCIAS

Os estudos de Silva (2021) nos mostram que as BIONAS possibilitam um momento de escuta, estabelecendo possibilidades de um modelo que inclua a cultura

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Universidade do Estado de Minas Gerais

Belo Horizonte – Minas Gerais, Brasil – 22 a 25 de outubro de 2024

acadêmica, o território e a “experiência de si” como elementos dialógicos. Além disso, este gênero possibilita a consideração dos aspectos da arte, dos recursos digitais, da biodiversidade e da localidade como elementos subjetivos e identitários que promovem o ato da escrita, a possibilidade do dizer desde si e contra uma palavra silenciadora. Estes indicativos nos mostram possibilidades para se pensar a leitura e escrita na formação apontando para processos autorais na perspectiva crítica e reflexiva dos professores. (SILVA, 2021). As bionarrativas sociais referem-se à prática de contar histórias que destacam as interações entre os seres humanos e o meio ambiente, incorporando elementos biológicos, ecológicos e sociais. Essas narrativas buscam ilustrar como as ações humanas impactam a natureza e vice-versa, promovendo uma compreensão mais profunda das complexas relações entre os sistemas naturais e sociais. Oferecem uma abordagem multidisciplinar que integra conceitos científicos com questões éticas, ambientais e sociais. Ao contextualizar a ciência dentro de narrativas humanas, os estudantes são incentivados a refletir sobre o papel da humanidade na preservação e sustentabilidade do meio ambiente, estimulando um pensamento crítico e uma abordagem holística para resolver problemas ambientais.

[...] Os professores de Ciências de todos os níveis do ensino, bem como o pessoal engajado em educação científica devem ampliar seus conhecimentos para o melhor desempenho possível de suas tarefas educacionais. Devem ser desenvolvidos pelos sistemas educacionais nacionais novos currículos, metodologias de ensino e novos recursos que levem em conta o gênero e a diversidade cultural, como resposta às mudanças ocorridas nas necessidades educacionais das sociedades [...] (UNESCO 2003, p. 54).

No cenário educacional atual, a valorização das vivências pessoais dos alunos desempenha um papel fundamental no processo de ensino e aprendizagem. Todo esse conhecimento relativo à ciência, a cultura, ao espaço geográfico que habita, a sua noção de mundo adquirido ao longo de sua vida, se aproveitado, pode ser uma ferramenta importante para o aprendizado nas aulas de Ciências. Pode-se relacionar e enriquecer o aprendizado ao introduzir uma narrativa, um relato de experiência pessoal que esteja aberta a contribuições dos alunos de forma que se adicionem novos significados, novos levantamentos de ideias, que facilitem, conectem e promovam o entendimento do conteúdo didático com o cotidiano dos alunos. Ao integrar as experiências individuais dos estudantes com os conceitos científicos, as bionarrativas sociais proporcionam uma abordagem mais contextualizada para o ensino. A reflexão sobre a relação entre o conhecimento prévio dos alunos e o conteúdo curricular contribui para uma aprendizagem mais profunda e engajada. A partir de reflexões acadêmicas, como as apresentadas por Vasconcelos (2016) e Larrosa (2002), destacamos a importância da experiência pessoal na construção do conhecimento e na formação da identidade do sujeito.

Vasconcelos questiona,

[...] A quem pertence uma experiência de vida? A experiência pertence a quem a discursiviza? O caso da experiência herdada seria exemplar disso? De que

caminhos são feitos os atalhos para se chegar à história contada de alguém? São necessariamente atalhos?

É sobre a complexidade da experiência humana, sobre a intersecção entre o vivido e o narrado, entre o pessoal e o coletivo. A quem pertence a nossa história, senão a nós mesmos? Mas também àqueles que a interpretam, que a escutam e que a compartilham conosco. A reflexão sobre a propriedade da experiência de vida nos leva a questionar a quem pertence verdadeiramente essa narrativa pessoal. Afinal, a experiência é de quem a viveu ou daquele que a expressa em palavras, que a discursiviza e a compartilha com os outros? O enigma se intensifica ao considerar a experiência herdada, aquela que é transmitida de geração em geração, carregando consigo as marcas e os ensinamentos do passado.

Larrosa (2002, p. 43) reafirma esse pensamento,

[...] a própria experiência de si não é senão o resultado de um complexo processo histórico de fabricação no qual se entrecruzam os discursos que definem a verdade do sujeito [...]

Portanto os caminhos que percorremos para chegar à história contada de alguém são como atalhos sinuosos, repletos de encruzilhadas e desvios. Esses atalhos nos levam por um labirinto de memórias, sentimentos e significados, moldando a narrativa de vida de cada indivíduo de maneira única e intrincada. Mas será que esses atalhos são realmente atalhos, ou são, na verdade, caminhos essenciais para a construção da nossa identidade e das nossas vivências? A inserção das bionarrativas sociais no contexto do ensino de Ciências Naturais possibilita a construção de pontes entre o conhecimento científico e os saberes tradicionais, enriquecendo o diálogo entre diferentes formas de compreensão do mundo. A valorização das narrativas pessoais dos alunos cria um ambiente inclusivo e

colaborativo, onde as experiências individuais são reconhecidas e respeitadas como fontes legítimas de conhecimento. Os atalhos que percorremos são parte integrante da nossa jornada, moldando a forma como contamos e vivenciamos as nossas experiências. Afinal, a vida é feita de narrativas entrelaçadas, de histórias que se entrelaçam e se transformam a cada passo dado em direção ao desconhecido. No ensino é comum referenciar uma situação da sala de aula com experiências do dia a dia, no entanto, não basta fazer uso da referência,

Não basta saber ler que ‘Eva viu a uva’. É preciso compreender qual a posição que Eva ocupa no seu contexto social, quem trabalha para produzir a uva e quem lucra com esse trabalho” (FREIRE apud GADOTTI, 1996, p. 72).

Entendemos o mundo a partir da nossa capacidade de percepção acerca do ambiente ao nosso redor. Essas vivências ocorrem independentes da idade, e a forma como se expõem contribuem para a construção do ensino-aprendizado durante as aulas. Saberes tradicionais são semelhantes ao conhecimento científico. Diferenciados apenas pelas palavras e termos técnicos peculiares dos livros de ciências. A comunidade em que habitamos utiliza-se de elementos naturais e

sobrenaturais envoltos em mistério as explicações mais simples, sem hipóteses testadas, sem comprovação científica, são acolhidas por serem de fácil entendimento é a riqueza de detalhes, de proximidade com elementos conhecidos, próprios do ambiente que o cerca, que torna essa narrativa que torna lendas, contos, atrativos. Essa linguagem com o uso comum de objetos, gestos, músicas, elementos que toda a comunidade conhece e tem acesso que possibilita credibilidade, permanece no imaginário e traz essa noção e sensação de pertencimento. Essas narrativas são repassadas de geração para geração. Quando o professor conta um relato de experiência, algo vivido durante a infância, algo referente ao assunto que está sendo ensinando, cria uma conexão, une os saberes do professor e do aluno, diminui a distância.

CONSTRUÇÃO DA BIONAS “O KAMBÔ”

Figura 1: desenho personagem Muiraquitã da Bionas O Kambô



Fonte: Karen (2024).

PRADO (2017), salienta que a narração de histórias é uma prática natural humana, podendo ser considerada como uma ferramenta de estabilidade cultural, e também de ensino e aprendizagem. A Bionas a seguir foi desenvolvida durante a disciplina de Instrumentação para o ensino de ciências, ministrada pela Professora Adriana Piza, ofertada aos alunos da graduação em Ciências Naturais/UFAM. A Bionarrativa foi desenvolvida a partir da unificação dos relatos de experiências. Durante a aula, houve um momento em que cada experiência vivenciada foi relatada, a finalidade era definir um tema para a Bionas. Esses relatos eram sobre situações pessoais. Mesmo sendo narrativas individuais, elas se ligavam, era a histórias contadas com muitos pontos em comum. Assim surgiu a Bionas: O Kambô. Onde as a personagem Muiraquitã, ganhou forma e texto. O texto conta a trajetória da personagem desde que ela se muda da pacata comunidade ribeirinha,

Novo Airão, cidade para a agitada capital do Amazonas, Manaus. É o primeiro contato com o espaço urbano. Muiraquitã é o retrato de muitos jovens que deixam os municípios do interior e migram para Manaus, para estudar. Muiraquitã idealiza muitas coisas, ela tem muitos projetos que pretende executar no futuro, quando formada, almeja retornar para a comunidade. Mas durante a jornada acadêmica, ela experimenta a insegurança, o desanimo e a confusão entre aquilo que aprendeu na sua comunidade e os saberes adquiridos na Universidade. O Conto do Kambô, explora esse conflito. Assim como as alunas, a jovem Muiraquitã se vê perdida, fica confusa em meio a tanta novidade. Novidade que surge das interações com outros alunos, professores, leituras, novas culturas e também pelo conhecimento científico. Chegando a se questionar se realmente deveria estar ali, uma vez que sua base é o conhecimento tradicional/sensocomum. Assim como a personagem, as alunas puderam a partir da confecção da Bionas, esclarecer suas dúvidas, sentir confiança, e agregando conhecimento científico e senso comum.

Muiraquitã é uma jovem indígena de 20 anos, natural do município de Novo Airão, localizado no Estado do Amazonas, está feliz porque vai sair da aldeia para estudar. Desde pequena, Muiraquitã, assim como todas as crianças participam das atividades da aldeia e dos rituais. Para ela todos esses saberes, essas experiências adquiridas ao longo de sua vida, repassados de geração em geração é sagrado. Um dos rituais mais famosos de sua aldeia é o fortalecimento imunológico e espiritual da Vacina do Kambô. Reza a lenda que, há muito tempo, os irmãos da aldeia adoeceram e o pajé da tribo, indivíduo que faz às vezes do benzedeiro ou curandeiro, e que tem poder de controlar e invocar os espíritos, não conseguiu a cura para os indígenas doentes. Todas as ervas medicinais conhecidas e usadas pela tribo e pelo Pajé em seus rituais de cura não foram suficientes para livrar seu povo da aflição. O pajé, então, embrenhou-se na floresta e, sob os efeitos da Ayahuasca, um chá para a concentração mental, preparado com Mariri e folhas de Chacrona e recebeu a visita do grande Deus da Floresta. Deus, após ouvir toda a aflição e o pedido do pajé para curar seu povo, mostrou-lhe nas mãos uma rã verde, o Kambô, da qual tirou uma secreção esbranquiçada das costas do anfíbio e ensinou como deveria ser feita a aplicação dessa secreção nos enfermos. Voltando à aldeia da tribo, e seguindo as orientações que havia recebido do Deus da Floresta, o pajé pôde curar seus irmãos indígenas. Desde então, a comunidade utiliza a vacina do sapo para fortalecer o corpo e a mente dos irmãos e guerreiros da aldeia. Crescendo em meio às crenças e a natureza, Muiraquitã decide estudar e prestar vestibular para a área de Ciências. Ela mudou para a capital do Amazonas, Manaus, após ser aprovada na Universidade Federal do Amazonas-UFAM, no curso de Ciências Naturais. A alegria ao ser aprovada foi imaginar que poderia aprender mais coisas sobre a natureza e aliar aos saberes já existentes oriundos de sua aldeia. Pois, ansiava retornar e ensinar tudo que aprendeu na faculdade para a comunidade. Porém, ao longo da sua trajetória no curso e na convivência com outros alunos e professores, Muiraquitã, enfrentou conflitos de ordem pessoal, levada a questionar seus dogmas, suas crenças, as disciplinas exigiam o uso da razão, sem levar em conta essas vivências. Durante a aula de zoologia, no laboratório, ela avistou o Kambô, em um vidro com formol, animada, por ver algo que remetia a sua infância e família, comentou sobre a vacina do sapo e, ali ela recebeu a informação do

professor de que a vacina do sapo até o momento não havia nenhuma comprovação científica sobre os benefícios para a saúde humana. Muiraquitã ficou estática, não era possível. Naquele momento, ela se viu obrigada a perguntar: Até que ponto devemos nos esvaziar de nossos saberes tradicionais para acolher o saber científico? Como encontrar o equilíbrio diante das diferentes culturas, do progresso, da modernidade, das ideias de que o homem é soberano sobre a natureza? Como defender as ideias mais simples sobre a proteção desses saberes ancestrais, da simplicidade, da visão mais naturalista onde o homem é uma parte da natureza? Como explicar para a aldeia que o que me ensinaram a vida toda, pode não estar certo? Como acolher que somos seres dotados de subjetividade e objetividade, que talvez não seja possível desconectar esse processo? Muiraquitã se viu perdida em meio aos conflitos que o conhecimento lhe trouxe, duvidou de si mesma, de suas crenças e se realmente valia a pena estar ali, por um momento pensou que talvez aquele não fosse seu lugar, “cientista? Como eu poderia ser cientista? Cientistas não acreditam no sagrado, certo?” Errado. Foi no auge de sua confusão que ela conheceu professores que lhe apresentaram as Bionarrativas Sociais/BIONAS, que são possibilidades de pensar temáticas, étnico-raciais, de gênero, de biodiversidade, contribuindo, enriquecendo, inovando a forma de ensinar e aprender ciências, a partir troca de vivências, os saberes tradicionais são ressignificandos e integrados ao conhecimento científico. Muiraquitã passou semanas lendo tantas narrativas de pessoas como ela, com histórias diferentes, mas conflitos parecidos. E descobriu que no planeta, no universo tudo está conectado. A propósito, um objeto ou fenômeno pode ser matéria de observação tanto para um cientista quanto para um homem comum. O que nos leva ao conhecimento científico ou ao conhecimento vulgar é a forma de observação e explicação. Tanto o “senso comum”, esse conhecimento que vamos acumulando no dia a dia quanto à “ciência” almejam ser racionais e objetivos. Assim, Muiraquitã decidiu se reunir com amigos pesquisadores visando ampliar seu conhecimento científico para somar com as suas crenças e sua aldeia e não anulá-la ou deixá-la de lado. A personagem Muiraquitã, ganhou não apenas uma ilustração e um texto, como também ganhou voz.

A Bionas Conto do Kambô foi apresentada na Caravana da Diversidade no dia 02 de maio de 2024, realizada no auditório do ICB 01/UFAM. Na ocasião, foi possível relatar a experiência vivenciada desde a elaboração da personagem até a mudança de comportamento provocada pela confecção do texto. O Kambô unificou as histórias de vida. Histórias de três pessoas que só se conheceram por conta da disciplina. A produção das Bionas é uma das atividades disponíveis no plano de aula da professora Adriana Piza, que trabalha as bionarrativas sociais. A Bionas atuou como uma ferramenta emancipadora, capaz de dar autonomia, possibilita que os alunos unifiquem suas histórias com as histórias dos outros alunos, não apenas do estado em que moram mais do país. Isso possibilita a troca de vivências, da integração e exploração do espaço urbano, rural, dos saberes ancestrais, das lendas, das músicas, das receitas, de saberes que não podem ser esquecidos, pois eles dizem sobre a nossa trajetória individual e coletiva. As Bionas trazem a ideia de pertencimento, de apropriação e resgate da cultura, da ancestralidade. Traz a mudança de olhar para a cidade que habitamos, que muitas vezes nem se quer

conhecemos a história de como e quando foi criada. Cada estado, cidade tem essa particularidade na gastronomia, arte, música, vestimentas, habitações, fenômenos naturais (vazante, cheia), biomas, dialetos, festas, datas comemorativas, entre outros. A logomarca de um barco que comporta uma caravana com as pessoas vindas de todos os estados, unidos em um único propósito, trocar vivências, celebrar, ensinar e aprender, mesclar costumes e saberes, abordar temas livres e pertinentes, importantes dentro da sociedade, poesia, musica, receitas, desenhos, entre outros. As Bionas exploram objetos, lugares, todo e qualquer assunto. De fato a Caravana da Diversidade é um projeto que promove: união, respeito às diversidades e educação libertadora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em um contexto educacional cada vez mais diversificado e complexo, as bionarrativas sociais surgem como uma abordagem pedagógica inovadora e inclusiva no ensino de Ciências Naturais. Ao valorizar as vivências pessoais dos alunos e integrá-las aos conteúdos curriculares, as bionarrativas sociais promovem uma aprendizagem mais significativa e contextualizada, estimulando a reflexão crítica e o engajamento dos estudantes. A integração das bionarrativas sociais no currículo escolar pode contribuir para a formação de cidadãos mais críticos, empáticos e conscientes da interconexão entre o conhecimento científico e as experiências individuais. Dar a oportunidade para o aluno participar ativamente, ocupando o lugar de protagonista, permitindo que ele explique um assunto didático a partir do seu conhecimento prévio, escreva ou relate uma experiência pessoal, nos possibilita explorar a visão de mundo, os valores, os saberes, as crenças e também nós proporciona uma nova forma de aprender e ampliar nosso repertório com explicações singulares. O aluno explicará da forma que ouviu dos seus pais, avós, comunidade que habita, com uma riqueza e propriedade de causa. A Bionas possibilita colocar o aluno como figura central, construtor ativo nos processos de ensino-aprendizagem.

REFERÊNCIAS

- ERSPAMER, Vittorio et al.; 1993. Estudos Farmacológicos de ‘Sapo’ da Pele de Sapo Phyllomedusa bicolor: Uma Droga Usada pelos Índios Matses Peruanos em Práticas de Caça Xamânica, *Toxicon*, 31:1099-1111. [Visão geral etnográfica do uso de sapos “alucinógenos” por Matses (em grande parte de Gorman 1990) com mecanismo de ação proposto./KG].
- GOMES, Marcelo Bolshaw. 2008. *Revista Virtual Arca da União*. Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/acervo/noticias/kambo-o-espírito-do-paje>. Acesso em: 17 Maio 2024.
- GADOTTI, Moacir. 1996. *Paulo Freire: uma biobibliografia*. São Paulo, Cortez: Instituto Paulo Freire. Brasília, DF: UNESCO.

MAIA-VASCONCELOS, S. 2016. A CRIANÇA E SUAS NARRATIVAS: A (AUTO)BIOGRAFIA NO ESPELHO. Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica, [S. l.], v. 1, n. 3, p. 584–602. DOI: 10.31892/rbpab2525-426X.2016.v1.n3.p584-602. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/3008>. Acesso em: 17 maio. 2024.

LARROSA, Jorge. 2002. A experiência de si não é senão o resultado de um complexo processo histórico de fabricação no qual se entrecruzam os discursos que definem a verdade do sujeito. In: REVISTA BRASILEIRA DE PESQUISA A CRIANÇA E SUAS NARRATIVAS: A (AUTO) BIOGRAFIA NO ESPELHO. p. 43.

ODA, W. Y. 2024. A Caravana da Diversidade: a Amazônia na escola. Norte em Foco. Disponível em: <https://norteemfoco.com.br/colunas/welton-oda/acaravana-dadiversidade-a-amazonia-na-escola/>. Acesso em: 17 maio. 2024.

SOUZA, Denise Caroline De et al. 2023. As bionarrativas sociais (bionas) como perspectiva de processo formativo e de produto educacional. Anais do XIV Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências. Campina Grande: Realize Editora.

Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/93271>. Acesso em: 17/05/2024.

SILVA, Michael Luciano das Graças. 2021. A “EXPERIÊNCIA DE SI” EM BIONARRATIVAS SOCIAIS (BIONAS) NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA, UBERABA-MG.

SILVA, Osni Oliveira Noberto da; MIRANDA, Theresinha Guimarães; BORDAS, Miguel Angel Garcia. 2023. A importância do AEE para os professores do Piemonte da Diamantina-Bahia. INTERFACES DA EDUCAÇÃO, [S. l.], v. 14, n. 40, p. 8–23. DOI: 10.61389/inter.v14i40.4779. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/interfaces/article/view/4779>. Acesso em: 17 maio. 2024.